SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com o "Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

PORTE PAGO AVENÇA

ANO XXXIII

31 DE MARÇO DE 1977

N.º 380

Avulso Esc. 7$50

Comp. e imp.: Livraria Cruz — Braga • REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Rua Serpa Pinto, 97 — LISBOA-3 — Telef.: 603778

NA HORA DA REVOLUÇÃO

Por EDUARDO RIBEIRO

Revolução não quer dizer guerra, mas sim paz; não quer dizer licença, mas sim ordem, ordem verdadeira pela verdadeira liberdade. Longe de apelar para a insurreição, pretende preveni-la, torná-la impossível: só os seus inimigos, desesperando-a, a podem obrigar a lançar mão das armas. Em si, é verbo de paz, porque é o verbo humano por excelência.

ANTERO DE QUENTAL

Que estamos em plena Revolução é facto geralmente aceite sem qualquer discussão, o que não significa que a generalidade das pessoas tenha uma opinião sobre o que ela significa. Para a definir, talvez possamos começar por dizer o que a revolução não é. Não é fenómeno que surja acidentalmente e por mero acaso. Também não é sublevação, nem assalto ao poder e muito menos simples mudança de governantes. Não é agitação, desordem, nem guerra. É operação demorada, que tem longa gestação na alma dos povos. Quando irrompe, passou por lenta germinação de que só os menos atentos se não aperceberam. Ortega y Gasset diz que *a revolução não é a barricada, senão um estado de espírito. Esse estado de espírito não se produz em qualquer tempo; como as frutas, tem a sua estação.*

A revolução tem muitas vezes e quase sempre um parturejar doloroso. Provoca frequentemente violência, mas não é exactamente isso que a identifica. Revolução é crise, processo de profunda transformação social, tomada de consciência dos grandes anseios e necessidades do Homem, busca da felicidade, encontro com as realidades da vida da comunidade, embora quase sempre comece por provocar recessão económica. Muitos se deixam surpreender por toda esta operação e, apanhados pelo redemoinho das ideias, ficam alarmados, confundidos, passam a correr atrás da revolução; mudam precipitadamente de convicções; cotejam suas crenças; passam em revisão as suas opiniões para que não sejam ultrapassados pelos acontecimentos. Na ânsia de se colocarem em dia com conveniências, oferecem-nos o espectáculo curioso e ridículo de cambiarem constantemente de cor como o camaleão, simpático animalzinho que está em risco de extinção, enquanto os seus imitadores humanos aparecem cada vez com mais frequência.

Não pode haver atitude mais censurável. Se é profundamente errado voltar as costas à revolução ou ignorá-la, não podemos nem devemos sujeitar-nos a sofrê-la passivamente. Temos de participar, empregando todos os nossos esforços para que a acção se processe a bem da comunidade, a caminho da justiça, para felicidade da nossa pátria e nunca para satisfação de mesquinhos interesses pessoais. Para isso, é imperioso que estejamos lúcidos e conscientes da situação, para que não nos deixemos vencer pelas circunstâncias e acorrentar por partidarismos.

A maior parte das desilusões que esta Revolução nos trouxe adveio exactamente do facto de ter sido accionada por tantos que ignoraram a transcendência da operação que desencadeavam, o poder das forças

Continua na pág. 8

«SEMPRE PRONTO» E OS SEUS AMIGOS

É consolador verificar a reacção nitidamente positiva desencadeada entre os nossos estimados Amigos pela notícia de que *Sempre Pronto* afinal não cessaria a sua publicação, resolvidos que foram alguns dos problemas que o assoberbavam e que estavam na origem da dolorosa decisão que não chegou a concretizar-se.

Assim, tendo sido possível tornear as dificuldades, graças ao apoio que encontrámos na Aliança Nacional das ACMs, *Sempre Pronto* recebeu os meios necessários para prosseguir na senda que traçou há mais de 30 anos e de que não quer desviar-se.

As manifestações de regozijo não se fizeram esperar. Além das que nos foram testemunhadas verbalmente, outras chegaram até nós por escrito, portadoras de mensagens que não resistimos a dar a conhecer aos estimados leitores.

Diz-nos, por exemplo, o nosso companheiro Manuel Celestino S. Martins, chefe de tribo do Grupo n.º 6, de Olhão, que *foi com grande alegria que recebi o* Sempre Pronto, *pois julgava, com bastante pena, que este já não seria publicado. Felicito-os, e agradeço, por não terem deixado morrer este elo de ligação entre os filhos de B.-P.*

Este nosso irmão-escoteiro dá-nos a notícia de que, em breve, partirá para o Canadá, onde, contudo, deseja continuar a receber o *Sempre Pronto*. E mais: oferece a sua colaboração. É claro que a aceitamos, como não podia deixar de ser. Desejamos-lhe muitas felicidades na vida que vai encetar e ficamos a aguardar os seus trabalhos.

Outro dedicado companheiro, o antigo dirigente escotista Prof. Aníbal Ramos e nosso assinante, veio também definir a sua posição sobre este jornal e fá-lo em termos que muito nos desvanecem. Declara o Prof. Ramos o seu total acordo *com as afirmações abonatórias referentes às normas que, desde sempre, têm presidido à publicação do referido jornal, conceito aliás evidenciado repetidas vezes por leitores idóneos, nos últimos tempos.*

Continua na pág. 8

Aspectos das relações entre professores e alunos

POR FR. BERNARDO, O. P.

1. A pedagogia não é pura espontaneidade. É também uma arte que implica informação técnica aturada, especialmente, nos domínios da Antropologia e Psicopedagogia. Suposta a competência profissional, exige-se outrossim que o exercício pedagógico seja acompanhado de pesquisa e interpretação adequada do vivido. Tendo em conta os «Mestres», ter consciência que cada um será pedagogo à sua maneira, segundo a sua personalidade, que é o seu estilo, com o seu modo de ser e comunicar.

2. O Professor como tal existe por causa do Aluno e em função dele. E a virtude básica, que as técnicas não substituem, é a capacidade de atenção, de simpatia, de diálogo verdadeiro e respeito profundo por cada um dos que lhe são temporariamente confiados. A sua *verdadeira identidade*, não só deve ser aceite, como conscientemente promovida, defendendo-se da tentação de domador eficaz.

3. A actividade escolar deveria ser, simultaneamente, *trabalho* e *jogo* para ser uma atitude sadia e rentável.

a) Não é puro trabalho salariado, correspondendo a determinada produção remuneração equivalente.

Nem o estudo dos alunos é directamente actividade económica ou dependente duma recompensa exterior.

b) Deve ter a gratuidade e disponibilidade do jogo não competitivo que retira o indivíduo do solipsismo, abrindo-o à comunicação, motivando-o para a informação, para a aturada busca da verdade. Todavia, esta actividade imanente deve resultar em aquisição e assimilação pessoal. O que exige do aluno disciplina, regularidade e progresso.

4. Desta «originalidade», surgem também dificuldades, para Professor e Alunos, a conciliar, de forma adequada por meio de vários componentes a conseguir:

a) O diálogo objectivo e a autoridade discreta, mas reconhecida;

b) A liberdade, a criatividade, a gratuidade e a disciplina ou directividade necessária;

c) Exigência de rigor na pesquisa e a «fantasia libertadora» e criativa da criança e do jovem;

d) Ambiente de atenção e descontracção, de estudo e recreio, em alternância ritmada e equilibrada.

5. As antinomias ultrapassam-se quando o Professor é *reconhecido* pelos Alunos. Nesse caso aceitam efectivamente a colaboração, correspondem à exigência.

E tendo em conta a dinâmica de grupo, verifica-se que as turmas mais estudiosas são também as mais unidas e felizes.

Mais: esta inter-subjectividade entre Professor e Alunos leva estes a «reconhecerem em liberdade» que a exigência do Professor corresponde às suas reais necessidades. Daí a «facilidade» para ultrapassar os eventuais e normais conflitos.

6. A «autoridade» do Professor será aceite, não como um privilégio pessoal, mas como uma responsabilidade para auxiliar os Alunos a conseguirem a liberdade pessoal, ultrapassando a ignorância e as provisórias incongruências afectivas. Nesse caso, pessoalmente e em grupo, tornam-se «dóceis».

Isto implica que o Professor se faz «admirar» pela sua competência, capacidade pedagógica e atenção exigente aos alunos, que conhece pelo seu nome, de forma personalizada.

7. Qualquer pessoa, medianamente esclarecida, aceita estas proposições. São fruto da experiência. Como o conhecimento das técnicas de determinada arte não fez o artista, também o conhecimento das normas pedagógicas não fazem automaticamente um bom Professor.

Não há receitas eficazes para todas as situações. E haverá casos em que Professor e Alunos se crucificam mutuamente e inutilmente. O conflito, surdo ou aberto, entre as duas partes, não só é inútil como é profundamente prejudicial. É um desgaste sem compensação. Mas, à parte casos esporádicos e eventuais, o problema fundamental situa-se na pessoa do Professor que optou pela carreira docente como uma «saída» ou porque se iludiu na escolha que fez. E há situações dolorosas, visto o curso não ser polivalente.

8. Com certa frequência, deparam-se-nos pessoas que vomitam teorias pedagógicas e, apesar disso, o seu fracasso escolar é uma evidência.

São pessoas sem capacidade de julgamento prático, sem sagacidade nem possibilidade, pelo menos intuitiva, de descortinar o conflito que paira na aula para o «desmontar» a tempo.

Outras vezes, são traumatismos de infância, desarticulações afectivas, desintegração da personalidade, ou social, que a aula pressente e explora impiedosamente.

9. Por outro lado, há que ter plena consciência de que não basta conhecer os mecanismos da criança ou do adolescente para estar em condições de lhe transmitir determinados conhecimentos. Trata-se de auxiliar as pessoas em devir, a tornarem-se elas mesmas, a «personalizarem-se». O ensino, a informação é um simples meio, um aspecto dum conjunto muito vasto — a educação:

a) Há que ter sempre presente que o Aluno é um ser em devir acelerado; que a boa disposição e disponibilidade da vés-

Continua na pág. 4

Para meditar...

Com a devida vénia, transcrevemos o Editorial do número de Agosto-Setembro do Boletim Circular dos Exploradores de Espanha, que oferecemos à meditação dos Escoteiros Portugueses.

«Quando quisermos destruir uma nação, a primeira coisa que temos a fazer é destruir a sua moral».

LENINE

A moral é uma força interior que permite ao homem enfrentar-se com as mais diversas circunstâncias.

Um exército sem moral é facilmente vencido, ainda que seja superior em número e meios de combate.

Uma nação sem moral cairá, mais cedo ou mais tarde, debaixo do domínio político ou económico de outros.

Uma família sem moral desagregar-se-á, afundar-se-á.

Um homem sem moral será um ser apático, inútil, condenado a converter-se num marginado da sociedade.

Uma juventude sem moral será fácil presa dos demagogos, dos manipuladores, dos comerciantes do vício. Será uma juventude sem futuro.

Há mil maneiras de minar a moral: o álcool, a pornografia, as drogas, as ideias dissolventes, o dinheiro fácil, a irreligião, o materialismo, a negação dos valores do espírito...

A moral pode ser inata. Mas também é algo que se adquire como fruto da educação. Formam-na um conjunto de valores sempre vigentes, diga-se o que se diga. A honra, a honestidade, a laboriosidade, a disciplina, o domínio de si mesmo, a fé, o dever... tudo isso, levado dentro e posto ao serviço da comunidade, é o que nos faz fortes e livres.

Festa escotista em Chaves

Elementos dos Escoteiros de Portugal levaram a efeito, na cidade de Chaves, uma festa-convívio que atraiu cerca de 300 pessoas.

O programa durou perto de três horas e esteve a cargo de um grupo coral, constituído por escoteiros. Foi representada a peça *O Fim* e os escoteiros entretiveram o vasto auditório, improvisando diversas historietas.

Num belo gesto de solidariedade, o produto desta festa foi dedicado pelos escoteiros ao Asilo dos Rapazes e aos Bombeiros de Salvação Pública.

A água, meio de vida essencial (1)

A água e a vida

No próximo mês de Maio, reúne-se em Buenos Aires a primeira Conferência Mundial das Nações Unidas acerca da Água.

A quem desapercebidamente se dê conta do tema desta Conferência, parecerá talvez incompreensível que seja necessária uma reunião a nível mundial para tratar de problemas relacionados com uma substância tão vulgar e tão desprezada, como é a água. Quem assim pensar pode ficar certo de que está a laborar num erro, e num erro crasso, pois os problemas da água são dos que mais preocupam hoje os responsáveis.

A água, elemento vulgar, como toda a gente sabe, é também fundamental à vida. Sem essa substância, a vida tal como a compreendemos, não seria possível. Poderíamos conservar a vida, sem ingerir alimentos, durante aproximadamente um mês; porém, sem beber água, dificilmente alcançaríamos o quarto dia.

A água pura (unicamente composta por hidrogénio e oxigénio) não tem interesse biológico, visto que até seria prejudicial aos seres vivos, porque se difunde (propaga-se) para as células. Desse fenómeno resultaria um abaixamento excessivo da concentração salina do protoplasma, isto é, da matéria viva, o que, a verificar-se, se tornaria extremamente danoso para as células, as quais, por elevação da pressão interna, ficavam sujeitas a romper-se e, por conseguinte, a destruir-se.

Todavia, a água raramente se encontra em estado de pureza, antes, transporta consigo, em dissolução, sais e outras substâncias orgânicas e inorgânicas. As reacções químicas que se realizam na matéria viva exigem um meio aquoso. A água está sempre presente nos fenómenos essenciais à vida, como a hidrólise (decomposição de um corpo que fixa elementos da água para se decompor em dois ou mais compostos) e desidratações (perdas de água).

Uma noção sobre a importância da água para a vida é-nos dada se se souber que foi neste elemento que provavelmente começou a vida na Terra, segundo uma das hipóteses mais bem aceites pela ciência. Outro dado que permite aquilatar do papel relevante da água: não existe qualquer organismo activo que possa suportar ilimitadamente uma carência absoluta e indefinida desta linfa benfazeja. Num ser desidratado, as funções do protoplasma suspendem-se imediatamente.

A água é um componente indispensável da matéria viva, ou protoplasma, onde sobe a índices que vão desde 70 a mais de 90 por cento. Não se compreende a vida sem a água. Certos organismos (animais e vegetais) são constituídos por elevadas percentagens de água, como algumas alforrecas (celenterados), que têm mais de 90 por cento daquela substância. Outros, um pouco menos, como as minhocas e determinados moluscos, que têm 80 e tal por cento. O próprio homem, ao nascer, é constituído por mais de 60 por cento de água, percentagem que, consoante a idade do indivíduo, subirá e descerá, mas nunca será inferior a 58 por cento numa pessoa em condições normais de saúde.

O sangue humano, assim como o de outros animais, é constituído fundamentalmente por água (90 %): é ele o veículo das substâncias, dissolvidas ou em suspensão, nutrientes do organismo, alimento fundamental para a conservação da vida, embora não de natureza energética, dada a sua constituição mineral.

O conhecimento destes índices permite-nos alcançar uma melhor compreensão do grande papel desempenhado pela água na organização dos seres vivos. Contudo, não é com o fim de estudar os dados desta natureza que se reúnem em Buenos Aires políticos e homens de ciência de muitos dos países do mundo. Outros problemas, de igual forma complexos, relacionados com este precioso elemento, estão na origem da necessidade desta reunião. O valor económico da água, as trágicas consequências que a sua escassez tem originado em vastas regiões da Terra, assim como a poluição a que os cursos de água e até os mares têm sido sujeitos em resultado da explosão industrial deste século, são alguns dos números da agenda daquela Conferência, sobre os quais também tencionamos debruçar-nos em próximo trabalho.

J. R.

Durante a guerra civil no Líbano

os escoteiros prestaram numerosos e relevantes serviços de paz

Com o actual cessar-fogo na martirizada cidade de Beirute, no Líbano, melhoraram as possibilidades de comunicação e a Repartição Mundial de Escotismo, em Genebra, conseguiu obter informações, através de diversas fontes, dos numerosos serviços que os Escoteiros daquele país prestaram durante os dezanove meses de violência, serviços que os oficiais da Cruz Vermelha designaram como «trabalho notável».

A equipa médica de socorro foi a mais dramática, evacuando muitos feridos debaixo de fogo e com risco da própria vida. Muitas vítimas foram transportadas aos centros de tratamento de urgência dos escoteiros, da Cruz Vermelha e municipais. Escoteiros houve que foram feridos e diversos mortos durante as missões de socorro.

Os escoteiros também levaram água e mantimentos a pessoas e famílias que não ousavam abandonar as suas casas durante o prolongado tiroteio. Participaram também na substituição de numerosos serviços municipais que estavam inactivos. Fizeram não somente uma campanha para oferta de sangue, mas eles próprios ofereceram o seu sangue, salvando assim inúmeras vidas.

Os escoteiros vacinaram muitas pessoas contra a cólera, a tifóide, distribuindo medicamentos gratuitos, especialmente às crianças. Promoveram ainda sucessivas campanhas de esclarecimento acerca da saúde pública.

Em toda a parte onde havia necessidades de prestar serviço, os escoteiros levaram o seu socorro. Removeram lixo para evitar a propagação da poluição e das doenças; quando as circunstâncias permitiam, dirigiam o trânsito para evitar os engarrafamentos; manipularam e distribuíram mais de um milhão de cartas e pacotes nos centros postais.

Um repórter ficou admirado pelo facto de os escoteiros se recusarem a trazer armas consigo, «o que é muito raro numa cidade onde todos se deslocam com uma pistola à cintura ou uma espingarda ao ombro».

À sua observação, um escoteiro replicou-lhe:

— Porquê combater? Nada se ganha com isso.

Um outro acrescentou:

— Esperamos que isto tudo termine e em breve possamos voltar à escola.

World Scout Bureau

Amigos em toda a parte...

BRASIL

O dirigente escoteiro Vítor Manuel Pereira da Rocha, residente na Av. Farrapos, 85 — 90 000 Porto Alegre, RS, Brasil, deseja corresponder-se com irmãos escoteiros (ou escutas), que queiram trocar insígnias escoteiras.

Aspectos das relações entre professores e alunos

Continuação da pág. 2

pera ou até da aula anterior podem ter sido alteradas devido a factores afectivos, internos ou externos, que o perturbam profundamente. Mais que ao adulto, a «circunstância» influencia-o duma forma imprevisível e acelerada.

b) Recebe informações permanentemente: dos colegas, do material impresso, fónico e visual. Pode parecer-lhe que o Professor está fora do ritmo da vida e que o ensino não tem interesse para a vida real que o espera ou que já se lhe deparara.

c) Donde se segue a necessidade não só de ser competente na matéria a comunicar, teórica e prática; há que utilizar os métodos adequados que as técnicas modernas põem ao seu dispor para a comunicação.

10. Ao manejar a matéria a comunicar, deve-se fazer ressaltar a sua ligação com os outros assuntos escolares; e a sua aplicação prática quanto possível, deve tornar-se concreta, «evidente». Todavia, há que evitar a «apologia» despropositada da matéria que se ensina. Os Alunos facilmente resvalam para a oposição, tanto mais que alguns já têm as suas «opções e gostos», quanto a assuntos e Professores. Tenta-se *fazer compreender* e nunca de «obrigar a admitir».

Neste capítulo há que ter apurada sensibilidade e delicadeza para com cada um dos Alunos que oferece resistência que pode ter origem muito íntima e secreta.

11. Tendo em conta a missão fundamental do Professor, não se deve deixar abater pelo baixo nível e rendimento dos Alunos; nem muito menos fazê-los sentir a «estupidez colectiva». Deverá partir do estado actual, com humildade e perseverança, tentando estimulá-los. Os exercícios serão de baixo nível. Mais vale que sintam que sabem algo do que «arrumá-los» na sua ignorância, fruto, muitas vezes, de má iniciação ou de «resistência» ao Professor que os não conseguiu motivar.

Assim, os Alunos aprenderão a saber «calar-se» e a ultrapassar a situação sem caírem na fatalidade da «conformação» da desistência. No fundo, os jovens vivem ansiosos de verdade, de rectidão e amor. O que é preciso é penetrar nesse mundo para o fazer eclodir adequadamente. Educa-se mais pelo que se é do que pelo que se diz, sobretudo se é de forma agressiva.

12. Deveria ter-se ainda consciência que os Alunos, normalmente, não são nossos filhos. Daí que a liberdade afectiva deve fornecer perspectiva de apreciação para não cair na tentação de substituir o Pai ou a Mãe, ou «exigir» deles comportamentos «filiais». As relações devem ser doutro tipo e marcadas pelo «provisório». E variam consoante a idade do Professor e dos Alunos. Às vezes, a diferença de idade é apenas de 4 ou 5 anos, outras é de várias décadas. A diferença de idade vai frequentemente acompanhada de «estilos» de comportamentos e linguagem que ainda mais acentuam os eventuais conflitos. E estas serão tanto mais graves quanto os Professores «representam» uma falsa actualidade de competência ou de camaradagem.

A percepção de que há «*preferências*» também perturba o funcionamento da aula e a qualidade das relações. Esta atitude e a de *injustiça* são profundamente ressentidas pelos jovens. É a partir de relações simples, objectivas e fraternas que surgem fiéis amizades entre o Professor e Alunos, que em muitos casos perduram.

13. O Professor deverá encarar a sua missão como um serviço para despertar os Alunos para a curiosidade sadia de conhecer e auxiliá-los a *ver* e a *partilhar* a vida. Ajudá-los a tomar consciência da sua individualidade e a descobrir a vocação de serviço competente e fraterno a prestar à sociedade de que são membros responsáveis. Deve fazer-se-lhes confiança, mesmo que tenha comprovado que nem sempre a «merecem». Estão a crescer; o momento de reflexão chegará noutra altura, visto que os ritmos são diferentes, a eventual experiência do «erro», pode tornar-se positivo princípio crítico, de escuta e de diálogo.

14. O verdadeiro Professor nunca deveria desesperar dos seus Alunos. Nem muito menos «humilhá-los». E deve ter consciência de que, em grupo, os Alunos dizem coisas e tomam atitudes reprováveis que não correspondem a nenhum deles, tornados individualmente. Nem sempre é fácil ou até possível manter o autodomínio numa aula dividida entre «trabalhadores» e «agitadores». Há que fazer o possível por deixar passar algum tempo. Não ceder, nem tomar atitudes intempestivas ou drásticas. Será mais fácil levá-los à razão antes de criar situações de ruptura. Encontrar uma saída v. g. de autocrítica da aula ou turma, mas fora da aula e num clima mais acolhedor, para tentar descortinar as causas do conflito a superar.

Com muita paciência e recomeços após cada fracasso, introduzir o princípio de deixar falar o outro sem o classificar; que a todos seja concedido o direito efectivo de se exprimir. A aprendizagem do diálogo, de saber escutar a intencionalidade do outro é o princípio, a porta para o acolhimento, para a fraternidade, para o crescimento recíproco.

A missão do Professor é semear com competência e tenazmente a boa semente. A colheita não depende apenas dele. Daí os recomeços, sem azedume, nem desilusão, em atitude de serviço, preocupando-se e ocupando-se mais com fazer eclodir um sadio sentido crítico e em despertar interesse pelo saber do que na acumulação de conhecimentos.

Fr. Bernardo, o. p.

Dizer bem para pensar melhor

Esplêndido — Espontâneo

Estas duas palavras, e as suas derivadas, são com frequência grafadas erradamente. Há uma tendência, muito enraizada, para escrever *explêndido* e *expontâneo*. Para tal, concorre certamente a influência exercida pela similitude doutras palavras começadas por *exp* (*exposição, expansão, expedição*, etc.). Todas as palavras que temos referido, desde esplêndido a expedição, são vocábulos originários do latim. Porém, as que se grafam com *exp*, já naquela língua morta se escrevem com essas mesmas letras (por exemplo, *expansão* é, em latim, *expansio*), o que não acontece com *esplêndido* e *espontâneo*, que, naquela língua, se escrevem, respectivamente, *splendidus* e *spontaneus*.

Vamos corrigir esta distracção? Seria esplêndido!

Retaguarda

Há também um certo pendor para se grafar *rectaguarda*, isto porque se a relaciona com a palavra *rectângulo*. Este último termo, de origem latina, é uma palavra composta, em que um dos elementos é *recto*. Ora, se bem que *retaguarda* seja também proveniente da composição de duas palavras (*retro* e *guarda*), o certo é que o prefixo *retro* (que tem o sentido de *trás, para trás*) não tem c. Pois não é verdade que escrevemos *retrógrado* e *retroversão*? Portanto, também não o colocaremos em *retaguarda*.

Percebido, ou teremos que voltar à retaguarda nas nossas explicações?

Pagamento de assinaturas

Pedimos a todos os nossos assinantes o favor da sua colaboração remetendo-nos o valor de suas assinaturas.

A cobrança postal, além de custar um preço exorbitante, não é eficiente. Será uma valiosa ajuda esta cooperação.



HÁ 20 ANOS "SEMPRE PRONTO" PUBLICAVA:

No centenário de Baden-Powell

O Chefe eminente, no limiar do seu livro famoso, escreveu:

«O princípio sobre que o Escotismo assenta é o de que se estudem as ideias do rapaz e este seja levado a educar-se a si mesmo em vez de o instruírem».

Nestas palavras se resume toda a pedagogia do Movimento; aí está todo o seu segredo, afinal tão simples. E tão simples e claras são estas palavras que a gente se espanta de que haja quem procure destruir o Movimento sob capa de várias objecções tolas ou malévolas, ou o digam falhado porque uns tantos não foram capazes, por estreiteza de espírito, de o compreenderem mesmo nas suas linhas gerais.

Também o Cristianismo não é hoje o que o visionou o seu Fundador, e muitas distorções lhe deram desde os tempos de Ário e de Nestório. E nem por isso, quando se lêem sem preconceitos o Sermão da Montanha e os depoimentos dos Evangelhos, poderá dizer-se que falhou a missão evangélica, que falhou o ideal cristão. Que seria do mundo se, ao findar da Idade Antiga, o Cristianismo não estivesse lá para salvar os restos da Civilização ameaçada pela avalancha nórdica?

Assim a sementeira de Baden-Powell continua também a germinar, à espera de frutificar e da ocasião em que os seus frutos se mostrem sazonados para felicidade do Homem sobre a Terra.

Os tempos são outros, dizem, e já as mentalidades são hoje diferentes de há 50 anos.

A esses, que costumam variar com os tempos, tal como as grimpas com os ventos, diremos: são diferentes os tempos, é certo, mas o *Homem é o mesmo*. O Homem não variou. Dentro da sua alma albergam-se, em gérmen, as mesmas noções de Bondade e de Maldade, de Honra e de Desonra, de Grandeza e de Baixeza, de Progresso e de Decadência, de Ascese e de Queda, de Idealismo e de Materialismo. Ser pluriforme, capaz de todos os actos nobilitantes, mas também de todos os mais repulsivos, importa que os gérmenes nocivos sejam definitivamente mortos dentro de cada um de nós, para que se expandam em frutos de Amor os que o têm em potência.

Esse é o papel do Escotismo, para isso o criou o Fundador, essa foi a sua esperança, para esse ideal levantamos todos os olhos, todos os que um dia abraçámos com entusiasmo um Ideal que foi todo o Ideal da nossa adolescência e da nossa juventude e que não deixámos estiolar-se e morrer dentro de nós. Recordamos neste momento os tempos heróicos do Escotismo, as lutas empreendidas para vencer um meio hostil, os desânimos e as esperanças, as dores e as alegrias, recordamos tudo isso e como após cada etapa nos sentíamos melhores, melhores com a nossa consciência, melhores do que os que iam ficando para trás por falta de ânimo para *conduzirem o seu próprio barco*, como mandava o Fundador.

O Velho Lobo do Norte
E. C. D.

Hino da Fraternal dos Antigos Escoteiros

Quem foi escoteiro sê-lo-á, constante,
Se o for de coração;
Saberá estimar o semelhante,
O vizinho, o irmão.

Irmão dos seres, numa nova idade
De luz, de amor veraz;
Vizinho de quem ama a lealdade
E quer viver em paz!

Fugindo de imitar a impostura,
E o que é estéril, vil,
Trocando o fel da vida por doçura
Que vence o meio hostil.

Amando a vida — no animal, na planta,
E em limpeza integral;
Mesmo onde for a impureza tanta,
Ter mãos livres do mal.

De guia e de lobito a caminheiro
Foi longo o caminhar...
Que os dias de ontem sejam um luzeiro
Para a outros guiar!

EDUARDO MOREIRA

A Rainha Isabel II, do Reino Unido,

inaugurou a nova sede da Associação Inglesa

No dia 16 de Novembro último, a Rainha Isabel II, do Reino Unido, inaugurou a nova sede da The Scout Association.

O novo edifício está situado em Queen's Gate, em Londres, muito perto da Casa de Baden-Powell, que também foi inaugurada por Isabel II há 15 anos.

Durante a cerimónia, a Rainha fez o elogio do contínuo crescimento do Escotismo e declarou «que o Movimento se está esforçando por promover a autonomia, o desanuviamento, a integridade, serviço e disciplina, virtudes que são hoje mais do que nunca necessárias se as nações quiserem viver em paz num mundo que se encontra fortemente comprimido por motivo das modernas comunicações. A minha esperança está em que, no futuro, os 14 milhões de escoteiros venham a desempenhar um papel ainda mais significativo no estreitamento das relações entre as nações e no reforço dos sentimentos naturais de amizade e de afecto entre os povos».

A Associação trespassou o arrendamento da antiga sede, instalada em Buckingham Palace Road, quando as condições do mercado eram as melhores. Com a importância recebida, foi construída a nova sede e novas instalações no centro de formação de Gilwell Park e na secretaria do Armazém Escotista de Lancing, tudo isto sem recorrer a créditos e sem utilizar totalmente os fundos obtidos com o trespasse da antiga sede.

A imprensa britânica referiu-se em termos elogiosos à sã gestão financeira da Associação e a Rainha qualificou-a de «... uma verdadeira proeza dos nossos dias».

(De World Scouting Newsletter)

NUGAS

X

Todo o mundo tem ouvido falar de Sócrates, o ilustre filósofo ateniense que viveu no século V antes de Cristo, nessa época admirável em que o génio helénico atingiu o apogeu do florescimento nas Artes, nas Letras e na Filosofia, como só vinte séculos mais tarde havia de repetir-se no Renascimento. Espírito singular, têm-no já comparado a Jesus Cristo porque, tal como este, também ele nada escreveu, tendo sido através dos seus discípulos que temos hoje conhecimento, imperfeito embora, das suas ideias e da sua doutrina. Recordaram-no dois discípulos, também ilustres e que honram o nome do mestre: Platão, o filósofo, e Xenofonte, o historiador e economista.

Se nada houvesse na sua filosofia sobre que valera a pena, ainda hoje, meditar, bastaria o facto de ele ter escolhido para divisa a frase GNOHTI SE AUTON para dele fazer um espírito actualizadíssimo, porque é sempre actual quem procura estudar o Homem em si, como ser completo e tripartido: físico, intelectual e moral.

A frase citada, que significa «conhece-te a ti mesmo», e o filósofo foi buscar ao templo de Apolo em Delfos, sobre cujo frontão se encontrava insculpida, constitui, só por si, todo um programa, melhor diria toda uma filosofia. De facto, se o termo Filosofia, de origem grega, significa «o gosto, ou o amor da sabedoria», nada pode corporizá-lo melhor do que o próprio Homem. Lá o diria, muitos anos mais tarde, Aristóteles, discípulo de Platão, que «o Homem é a medida de todas as coisas».

Para os crentes na origem divina dos seres humanos, estes não passam de anjos decaídos (e tomo aqui o termo «anjo» na acepção vulgar e não teológica), que se tem esforçado, pelos tempos fora, por reencontrar o caminho que os conduziria à felicidade, à beatitude primitiva que perderam por força do pecado.

Mas para os que se crêem mais próximos da realidade, o Homem teria surgido na Terra quando o piteco dos primeiros tempos sentiu dentro do seu cérebro chispar a faúlha da Inteligência, rudimentar embora, que o levou a adquirir a posição erecta e o transformaria depois no ser maravilhoso, orgulho da Criação. E todo o seu esforço no decurso dos séculos tem sido uma luta constante e heróica pelo aperfeiçoamento moral, enquanto, por outro lado, a Animalidade, de que provém, a cada passo o faz recuar na sua senda, procurando reconquistá-lo e reduzi-lo de novo à condição de simples Primata, feroz e glutão.

Ao fim de muitas centenas de séculos, olhando para trás, a esfumar-se na névoa dos tempos, alarga-se infinitamente a teoria dos homens predestinados que souberam elevar-se pela inteligência a nível muito superior ao dos seus semelhantes, pondo essa inteligência ao serviço do aperfeiçoamento moral dos homens, por amor dos quais tantos deram a própria vida. Sócrates foi um deles e avulta nesse extenso e luminoso cortejo de predestinados, ao lado de Jesus Cristo, como mártir ilustre da intolerância irracionalista daqueles que nele viam um corruptor da mocidade, essa mocidade com quem dialogava e pelo desabrochar de cuja inteligência sempre se esforçou.

«Conhece-te a ti mesmo», eis o preceito socrático que todos os homens de todas as raças deveriam ter gravado no seu espírito e também no seu coração. Conhecer-se um homem a si mesmo, por estranho que pareça, é tão difícil como tentar atravessar a nado corrente impetuosa em ocasião de enchente. E o que se torna mais grave ainda é que a maioria esmagadora dos homens julga conhecer-se completamente.

Não quero aqui referir-me à influência oculta do nosso inconsciente, que, segundo Freud e seus continuadores, pode levar os homens à prática de actos a que, *conscientemente*, se recusariam. Tal aspecto da questão levar-me-ia demasiado longe e far-me-ia desviar do meu objectivo. Pretendo apenas salientar esse facto comezinho de nos supormos, correntemente, diferentes daquilo que na realidade somos. Tão-pouco quero aludir à atitude vulgar daqueles que, *deliberadamente*, assumem atitudes e praticam actos na intenção de se apresentarem aos olhos alheios sob cor fagueira a contrastar flagrantemente com a verdadeira natureza dos seus autores.

Nenhum homem de inteligência mediana conhece o seu íntimo ser, o que explica que as suas atitudes e os seus actos por vezes o surpreendam a ele próprio. A introspecção escapa-lhe por ignorá-la, e o exame de consciência, se professa uma religião, fá-lo perfunctoriamente e contrafeito... quando o faz.

A vida febril dos nossos tempos dinâmicos, melhor diríamos convulsos, não se compadece com o exame do Homem pelo próprio homem. Casos há em que este procura lançar-se na voragem da vida, precisamente para se não encontrar a sós consigo mesmo, evitando assim ouvir o eco da *petite voix dedans*, que em muitas e muitas circunstâncias não chega sequer a fazer-se ouvir. Ao homem de hoje não sobeja tempo para se auscultar a si próprio procurando encontrar o seu verdadeiro «eu» nos recessos da sua alma. Se a vida actual é dispersiva, é, por outro lado, absorvente, arrastando o Homem por caminhos ínvios na busca do prazer ou da riqueza, para ao cabo de tudo o triturar implacavelmente nas suas engrenagens. Isto explica, se não vejo errado, porque em tempo algum houvesse tantos desajustados, tantos nevróticos, tantos doentes mentais como em nossos dias.

Por outro lado, por ignorarem o seu próprio «eu», tem-se assistido ao espectáculo alucinante de «virarem» seres de uma brutalidade espantosa contra os seus próprios semelhantes, homens considerados cidadãos pacíficos, bondosos mesmo, que deixaram de si a mais terrífica recordação nas páginas da História.

Muitas vezes, por força de nos ignorarmos, cremo-nos capazes de grandes feitos, que, uma vez tentados, redundaram em fracasso estrondoso e humilhante. Noutras circunstâncias, somos peados por timidez doentia que nos inibe, por falta de confiança (quer dizer, por nos ignorarmos), de executar obras perfeitamente viáveis dentro das nossas possibilidades.

E na nossa idade, estonteado pelos espantosos progressos das ciências, deslumbrado pelas maravilhosas realizações da tecnologia, deixou-se o Homem arrastar para o campo dos novos mitos, esquecendo-se de si próprio, mas orgulhoso dos formidáveis maquinismos, frutos da sua inteligência, que já o conduziram até à Lua e, em futuro talvez próximo, o levarão a atravessar os espaços siderais numa antevisão do domínio absoluto do Cosmos.

Pobre ser que se desconhece a si mesmo a despeito duma fé infinita nas suas potencialidades, o Homem sente a vertigem dos tempos que estamos a viver e deixa-se arrebatar para o desconhecido, empolgado por uma desmedida ambição de domínio que só facilitará a sua queda se entretanto não arrepiar caminho, reentrando dentro de si próprio e procurando voltar à condição, aliás honrosa, de *homo sapiens*, com todos os direitos de ser racional, mas também com todas as responsabilidades a ele inerentes.

«Conhece-te a ti mesmo», preconizava o filósofo há três milénios. Era o segredo da sabedoria, continuou a sê-lo pelo decurso dos séculos, é-o ainda hoje e de aflitiva actualidade.

Não é por dominar a Terra; não é por ter ousado devassar os espaços siderais; não é por ter conseguido construir os maquinismos maravilhosos que a nossa idade tem visto com espanto erguer-se nos quatro cantos do Planeta; não é por ter desvendado os segredos da Natureza; não é por nada de tudo isso, que muito é, que o Homem adquiriu o direito de o julgarem senhor dos seus destinos, dominador incontestado da Terra. O Homem é digno de ser admirado simplesmente por ser Homem e como tal ter conseguido, nesse dia longínquo, esfumado na poeira dos séculos, adquirir a consciência da sua pró-

Continua na pág. 8

PÁGINA DO ESCOTEIRO



O CANTINHO DO ESCOTEIRO

Nova colaboração



Pedem-me para colaborar na redacção de temas relacionados com «os conhecimentos técnicos de Escotismo». Invocam a minha suposta maior disponibilidade de tempo, o que na realidade é bastante ilusório relativamente ao tempo livre, pois muitos outros afazeres de vasta extensão e responsabilidade me ocupam, para além de tudo o pensável.

No entanto, não quero deixar de prestar o meu contributo, ainda que pequeno, principalmente por me lembrar dos tempos em que, rapazito, me inscrevi como Aspirante a Escoteiro e fui colocado na patrulha LEÃO.

Tive aí alguns bons companheiros. Vivia-se um bom «espírito de Patrulha» e todos nós adoptávamos um pseudónimo alusivo à Patrulha e à vida do animal seu totem. Eu adoptei o de LEÃO DA SELVA, designação pela qual passarei a subscrever estas notas.

Porquê LEÃO DA SELVA?



Parece-me que serão úteis algumas palavras sobre este porquê, principalmente numa «conversa» com os mais novos.

Pois vejamos:

LEÃO, uma vez que acabava de escolher o meu ingresso para a Patrulha dos LEÕES, porque me agradou mais esta Patrulha do que a dos ÁGUIAS, a outra existente na Tribo do meu Grupo; pareceram-me mais bons rapazes e simpatizei mais, por uma questão de temperamento ou inclinação pessoal, com as qualidades simbolicamente reunidas nos leões: força, resistência, determinação nas acções, espírito de agregado de descendência, etc.

DA SELVA, porque me seduzia a via ao ar livre, a vida rude da «selva», com as suas aventuras, em contraste com a vida «bafienta» das cidades; isso, porque na SELVA se tem de estar mais treinado com vista a resistirmos à agressividade da vida que nos proporciona; aí só conseguirá singrar aquele que se preparar com vista a sesistir às intempéries naturais e às ciladas que nela encontrar, quer por parte do meio ambiente, quer dos seres que nela vivem, seres que, por serem de mais elementar desenvolvimento na escala da intelectualidade, são, por isso mesmo, mais naturais nas suas reacções, menos artificiosos e intriguistas, menos cheios de segundas intenções que os homens, esses seres que, ao elaborarem e aperfeiçoarem o seu espírito, o fazem, não raras vezes, por formas bem condenáveis aos olhos dos seus semelhantes, por tomarem atitudes eivadas de egoísmo, despotismo, cinismo, atropelos dos direitos dos outros, etc.

Não quer dizer o atrás referido que outros animais totens de Patrulha não tenham outras qualidades que possam orientar a conduta dos Escoteiros componentes da Patrulha, com vista ao seu progresso e treino para a vida que os conduzirá à condição de HOMENS. Em todos esses totens e pseudónimos que se adoptam existem qualidades que poderemos seguir, orientando-nos a nossa conduta e a dos nossos companheiros; isso nos ajuda na nossa evolução a caminho do HOMEM que pretendemos vir a ser; isso é aquilo que interessa como OBJECTIVO ou ALVO a atingir, através da actividade escotista.

Ao referir os factos anteriores, fi-lo com dois objectivos:

— Dar-vos a conhecer um pouco de mim;

— Pôr-vos a ideia de cada um dos nossos leitores, especialmente os actuais Escoteiros, nos enviarem notas com os seus pseudónimos na Patrulha e razões da sua adopção.

Um inquérito



Por isso, de acordo com a ideia anterior, lança-se um vasto INQUÉRITO a todos os Escoteiros, para que enviem ao *Sempre Pronto* as notas atrás referidas.

As melhores redacções recebidas serão publicadas neste mensário escotista.

No final da nota que enviardes, deveis indicar o vosso nome, Patrulha e Grupo a que pertenceis (ou pertencestes) e cargo que desempenhastes.

Vamos ver quais serão as patrulhas que primeiro correspondem a este desafio.

Leão da Selva

Um jogo de vez em quando

Encontrar a bomba



Participantes: ilimitados. Poderá ser jogado numa Patrulha, a título individual, ou entre Patrulhas de uma ou mais Tribos de Escoteiros.

Material: um despertador.

Os jogadores são os componentes das Patrulhas ou constituem-se em equipas.

Um jogador de cada Patrulha venda os olhos (jogador em acção — «J. A.») e o despertador é colocado num local onde esses jogadores vendados o ouçam.

A um sinal do coordenador do jogo, os J. A. procuram atingir o despertador, guiando-se apenas pelo tique-taque.

(O maior silêncio deve ser mantido na sala ou recinto).

O primeiro que atingir o alvo ganha 2 pontos e o segundo 1 ponto.

Muda-se a posição do despertador e dos jogadores, se necessário.

A escolha do local pode ser tanto mais dificultada, quanto maior for o treino dos escoteiros e quanto maiores forem as possibilidades do recinto.

O jogo segue até ao final de todos os componentes das Patrulhas ou por um período de tempo preestabelecido (5 ou 10 minutos, não mais).

A soma dos pontos obtidos por cada Patrulha estabelece a classificação.

Finalidade do jogo: exercitar o ouvido, a acuidade auditiva e o sentido de orientação sonora.

Estabelecer o domínio sobre a manutenção do silêncio na sala ou recinto e o respeito pelo orientador do jogo.

Local: pode ser uma sala, uma série de salas ou o campo. Haverá que escolher um despertador que tenha um tique-taque bastante audível, regulando-se a distância inicial dos jogadores de acordo com a audição. Deverá jogar-se de preferência de noite.

Leão da Selva

«Sempre Pronto» e os seus amigos

Continuação da pág. 1

Numa época em que tudo se contesta, transformando o trato humano de cortês em agressivo; em que os maus instintos se libertam dos condicionamentos impostos pela educação, indo abruptamente perturbar a generalidade das actividades tradicionais; em que se fomenta e aplaude freneticamente a inversão de valores, considerando-se os inaptos superiormente dotados para condutores do bem-estar social, arrastando o semelhante ao caos económico e moral; em que a legítima autoridade tomba face à ambição desmedida aliada à preguiça improdutiva, fonte infalível da miséria; como considerar o jornal conspurcado pelas nulas tentativas de o envolverem em nuvens poluentes, impulsionadas por forças inconscientemente negativas? Nada, pois, de susceptibilidades: — «o escoteiro, passado o choque, sorri às dificuldades».

E o nosso estimado companheiro continua:

Outro assunto, bem mais importante pelas suas implicações, igualmente noticiado nas suas colunas, feriu a minha sensibilidade. Refiro-me à suspensão prevista da sua publicação.

Confesso não a aceitar de bom grado, visto a sua leitura quase preencher, actualmente, o único elo de ligação que mantenho com o movimento escotista.

Posso eu conformar-me com essa intenção, se me habituei, no decorrer de longo tempo, a apreciá-lo como símbolo de quanto pode a dedicação, persistência e sacrifício a uma causa nobre desacompanhada de incentivos, por vezes de uma simples palavra de reconhecimento, mas, inversamente, de ressentimentos e ingratidões por referências desejadas, porém esquecidas? Certamente que não.

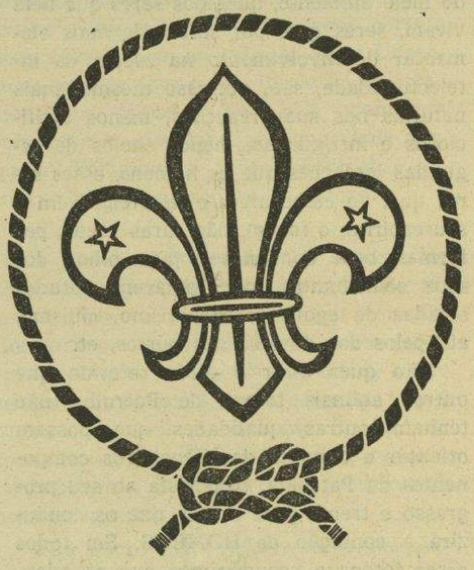
E, contudo, o cuidado minucioso posto continuamente na selecção dos temas, quer doutrinários, quer educativos, sempre convincentes, despidos de superioridades irritativamente impostoras, demonstrando perfeito conhecimento da psicologia do adolescente, traduzindo verdadeira vocação em formar homens válidos para a sociedade, são princípios que evidenciam, exuberantemente, plena posse das responsabilidades inerentes a um jornal com a finalidade do Sempre Pronto.

Os sacrossantos dotes de honra, amor à família, ao trabalho e à Pátria, bem como regras de fomentar amizades conducentes à valorização formativa da mocidade, destacam-se brilhantemente em cada exemplar.

Quanto nele se escreve transparece dignidade, sentimentos de apostolado em favor do mais belo período da vida — a Juventude. — Em suma, globalmente traduz directivas tendentes a conduzi-la ao «homem íntegro» pela prática salutar da «Lei do Escoteiro».

Eis um depoimento que muito honra este jornal, não só pelo esmero com que os seus conceitos são expressos, como também pela autoridade de quem o subscreve.

Gratos por estas provas de solidariedade, aqui nos afirmamos dispostos a continuar, enquanto tal nos for permitido e julgarmos útil este trabalho.



NUGAS

Continua na pág. 6

pria humanidade. E a partir desse dia não mais poderia parar, porque tal facto continha dentro de si, potencialmente, todas as futuras realizações que maravilharam as idades passadas e a nossa, por muito habituados que já estejamos.

Mas o orgulho de que se deixou apossar, vendo-se na posse de tudo aquilo que poderia fazer dele o senhor do Mundo, desvirtuou-lhe a humanidade. O *homo faber* venceu o *homo sapiens* e deu corpo à ideia da luta, não da luta incruenta por um aperfeiçoamento moral, como tantos espíritos de eleição pregariam, mas da luta cruenta e violenta pelo domínio dos outros homens, fazendo da Terra um vasto campo de batalha pelos séculos fora, deixando para trás milhões de cadáveres, cidades em ruínas, campos devastados, luto e dor. Eis os frutos da civilização que só por ironia trágica poderá chamar-se «humana»...

Quando voltará o Homem a ser «humano» e a meditar no preceito socrático, no desejo saudável do seu aperfeiçoamento moral? Eis a pergunta angustiante que se fazem todos aqueles que, a despeito das lições duma História manchada por toda a espécie de monstruosidades, ainda não deixaram de acreditar no Homem.

A. ÁLVARO DÓRIA

Na hora da Revolução

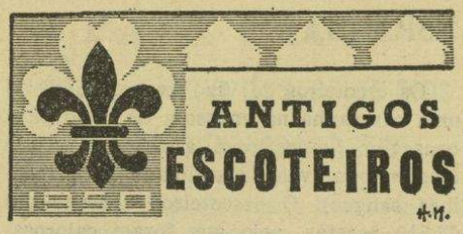
Continuação da pág. 1

que punham em movimento. Envolvidos pelos acontecimentos, foram engrossar a hoste dos desorientados e deram lugar à acção dos oportunistas. Enquanto também corriam atrás da revolução, que eles próprios puseram em movimento, deixaram que os mais sagazes dela se aproveitassem.

Não podem os Escoteiros ser tidos entre os desesperados, os inquietos ou alarmados. Não somos dogmáticos, mas estamos seguros dos nossos ideais e dispostos a trabalhar pelo progresso da nossa terra, através do serviço ao nosso semelhante. Tal como B.-P. afirma, sabemos que *Deus nos colocou neste mundo encantador para sermos felizes e apreciar a vida.* No ideal de servir, no desejo da Boa Acção, encontrámos o real sentido para a nossa existência, sabendo que *o melhor meio de encontrar a felicidade é contribuir para a felicidade dos outros.* Queremos servir a revolução com os nossos próprios ideais e não nos sujeitaremos a rever hipocritamente as nossas doutrinas, a alterar o nosso Compromisso, a modificar a nossa Lei.

O Escotismo tem sido sempre no nosso país movimento de resistência. Iniciámos a actividade, lutando com a animosidade da população, que nos desconhecia e estranhava, mas acabou por nos acarinhar e admirar. À beira da extinção, sofrendo a deserção de alguns, conseguimos vencer e ultrapassar o ostracismo a que fomos votados e evitar a infiltração de ideias estranhas. Também agora não nos deixaremos vencer pela cobardia, não correremos atrás da revolução, nem lhe voltaremos as costas, mas vamos antes participar com toda a nossa vontade e energia, trabalhando sobretudo pela formação cívica da juventude, sabendo que a falta de espírito cívico é grande lacuna da nossa gente. Será nesta barricada que serviremos a Revolução, repetindo com Baden-Powell que *uma nação deve os seus êxitos menos à força dos seus armamentos que ao carácter dos seus cidadãos; e que o carácter é de uma importância primordial para uma nação e para um indivíduo.*

Na hora da revolução, estaremos presentes para servir e não abdicaremos dos nossos ideais e princípios para agradar a estranhos. Queremos a felicidade do nosso Povo e o progresso da nossa Pátria. Tudo que tiver este objectivo é digno da presença dos Escoteiros.



Vem novamente a Lisboa o Presidente da Fraternal Internacional de Antigos Escoteiros e Guias

O Sr. Philip Tossijn, presidente da Fraternal Internacional de Antigos Escoteiros e Guias, estará de novo em Lisboa, onde chega no próximo dia 13 de Abril.

Durante a sua estadia em Portugal, este nosso grande amigo contactará, como é seu hábito, com os antigos escoteiros portugueses. Está prevista, para o efeito, uma grande reunião conjunta em data que será oportunamente anunciada, reunião para que se pede a comparência de todos os antigos escoteiros e guias do nosso país.

Em Montreux, na Suíça, vai reunir a 12.ª Assembleia Geral da Fraternal de Antigos Escoteiros e Guias

Vai reunir este ano em Montreux, na Suíça, junto ao Lago Léman, a 12.ª Assembleia Geral da «IFOFSAG — *International Fellowship of Former Scouts and Guides*». A inscrição para esta reunião internacional, que sempre proporciona interessantes oportunidades de confraternização e de troca de úteis pontos de vista, terminou em 28 de Fevereiro passado, embora a circunstância de só haver, segundo parece, a única inscrição de um observador de Portugal, possa ainda proporcionar oportunidade para inscrição de um delegado da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal.

A Assembleia realiza-se de 25 a 29 de Julho. A escolha da Suíça para uma actividade desta natureza tem o inconveniente de a tornar muito dispendiosa, do que certamente vai resultar uma participação mais reduzida que a habitual.

A inscrição para a conferência tem o elevado custo de 100 francos suíços. A estadia no hotel, com refeições, para 5 dias custará, em quarto simples com banho, 375 f. s.; em quarto duplo, 325 f. s. Em quarto sem banho 300 e 275 f. s. respectivamente. Isto significa que o preço da estadia será de Esc. 5000$00 a cerca de 6500$00, consoante a qualidade do quarto escolhido.

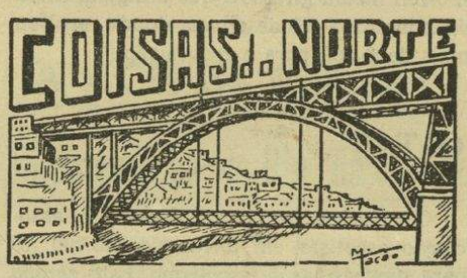
Depois da Assembleia, realiza-se uma excursão facultativa que custará 100 f. s. mais uma despesa diária de hotel (3 dias) de 33 f. s.

Embora a presença de Portugal em reuniões desta natureza tenha sempre elevado interesse para o Escotismo Nacional e para o próprio país, o custo da mesma torna difícil a participação, demais dentro dos actuais condicionalismos.

É ainda possível contratar a viagem em Portugal, que custaria assim — viagem de avião Lisboa-Genebra-Lisboa; comboio de Genebra-Montreux-Genebra em 2.ª classe, hotel em classe turística com alojamento e pequeno almoço, durante sete dias (seis noites) por Esc. — 9600$00, com um suplemento para quarto individual de Esc. — 1100$00.

Apesar destas considerações, seria de estudar a possibilidade da presença de um nosso delegado e formular convite para que uma próxima Assembleia se realize em Portugal, já que os preços económicos que se poderiam fazer no nosso País recomendariam a sua aceitação. Além disso, sabemos que este convite seria aceite com muito agrado.

N. B. — As equivalências em escudos estão desactualizadas em virtude da desvalorização do Escudo.



Visita de Estudo da Região do Norte

Conforme estava programado no esquema de actividades, a Região do Norte dos Escoteiros de Portugal, levou a efeito no passado domingo, dia 30 de Janeiro, uma visita de estudo ao Instituto de Meteorologia e Geofísica, da Serra do Pilar, a fim de todos os escoteiros receberem os necessários ensinamentos. Todos os aparelhos foram explicados pelo Director daquele Instituto.

Para completar a actividade, foi feita uma pequena palestra pelo chefe regional sobre a Ponte de D. Luís. Todas as patrulhas devem entregar redacções sobre a visita e sobre a Ponte de D. Luís.

Nesta visita, estiveram presentes cerca de 150 escoteiros dos Grupos: 4, 15, 17, 26, 35, 38, 43, 53, 58 e 91.

Grupo N.º 4 — PORTO

Festa de escoteiros

Este grupo esteve recentemente em festa, por motivo da prestação do compromisso de honra de vários aspirantes, quatro dos quais ingressaram na alcateia.

Um destes novos lobitos é o Mário Jorge Madureira Figueiredo, filho de um escoteiro deste grupo e neto de um antigo dirigente também do 4, o qual completava nesse dia 6 anos de idade.



NOVOS ESCOTEIROS NO GRUPO N.º 31 — AEP

Com a presença de grande número de familiares dos escoteiros, sócios auxiliares e outros amigos da unidade, o Grupo n.º 31, com sede no Bairro da Cruz Vermelha, ao Lumiar, realizou em 26 de Dezembro passado uma festa de Natal, durante a qual executaram um variado programa. Durante a festa, prestaram compromisso de honra os seguintes novos escoteiros: Eduardo Jorge Patrocínio Carrilho, António Coelho, José Carlos Gonçalves Lopes, Armando Jorge Baptista do Carmo e Américo Pinheiro. Também o novo lobito Abílio Paulo prestou promessa.

Ratificaram o seu compromisso os escoteiros Jorge do Patrocínio Carrilho, José Manuel Anacleto Pinheiro e Joaquim Manuel Souto Pinheiro.

J. T. O.

"SEMPRE PRONTO"

Administração

Os nossos mais dedicados assinantes continuam simpaticamente a colaborar com a nossa Administração, remetendo-nos o valor das suas assinaturas. Entre estes contam-se os seguintes assinantes patrocinadores: Srs. Adelino Vieira Pimentel, Angra do Heroísmo (200$00); Arquitecto Luís Benavente, Amândio Moreira Dias (120$), Prof. Aníbal Gonçalves Ramos (200$00), Justino Estêvão da Silva e José Ferreira da Silva, todos de Lisboa; Vítor Manuel Almeida Fernandes, de Coimbra; Arnaldo Eduardo Couto, de Gaia; Carlos Martins Macedo Campos, de Bougado, Trofa; e ainda outros assinantes Srs. António Fialho Guilhermino, José Ilídio Freire, Duarte Manuel Gomes dos Reis, Grupo n.º 35 do Agrupamento n.º 358 do CNE, de Coimbra; João Pedro Ferro, Manuel Gonçalves Rodrigues Júnior e Julião Inácio Elias Pestana. A todos estes nossos caros amigos e assinantes expressamos o nosso agradecimento.

★

Também o nosso amigo Sr. António Manuel Caramelo nos enviou, acompanhadas das respectivas importâncias, quatro novas assinaturas. Agradecemos tão útil colaboração.



Luís Alves Miguel

A morte acaba de nos levar mais um dos nossos estimados companheiros, o dedicado antigo escoteiro Luís Alves Miguel, que faleceu em 5 do passado mês de Fevereiro, com 76 anos de idade.

Luís Alves Miguel, que nos habituara com a sua presença e bom espírito escoteiro nas reuniões promovidas pela Fraternal, era um dos pioneiros da natação em Portugal. A sua história, como nadador, começa em 1918, quando, em representação do Sport Algés e Dafundo, toma parte na Travessia do Tejo. A equipa em que estava integrado classificou-se em 1.º lugar. Mais tarde viria a representar o Ginásio Clube Português e, por fim, o Clube Sportivo de Pedrouços, ao qual ficaria ligado para sempre.

Foram inúmeras as provas em que tomou parte, tendo alcançado triunfos em provas de 1500, 2000, 6000 e 12 000 metros, tendo ainda obtido um recorde na distância de 33 000 metros, e outro na de 1000 metros. Também averbou um triunfo na Travessia do Porto, na distância de 8000 metros. Nadou ainda por duas vezes em Paris, tendo alcançado boas classificações. Em provas de equipa, registou ainda triunfos em 500, 2000 e 3000 metros.

Em 1962, já com 62 anos de idade, tomou parte na sua última prova oficial, a Pequena Travessia de Lisboa, na distância de 8000 metros, onde foi o 11.º à chegada.

Era também jogador de pólo aquático, onde representou aquelas três agremiações já referidas, isto ao longo de 21 anos, 15 dos quais como capitão de equipa.

Foi membro da mesa da assembleia geral do Ginásio Clube Português; no Sportivo de Pedrouços, foi presidente, tesoureiro e vogal da direcção, presidente, vice-presidente e secretário do conselho fiscal, comandante geral e presidente da comissão pró piscina. Foi também dirigente da Federação Portuguesa de Natação e da de Vela e presidente da direcção da Associação de Natação de Lisboa e membro do Comité Olímpico Português. Tomou parte nos Jogos Olímpicos de Berlim, Londres, Helsínquia e Roma, como delegado da Federação, chefe de equipa de natação e pólo aquático e assistente técnico. Foram inúmeros os lugares que desempenhou nas organizações de natação; como praticante, conquistou dezenas de taças e outros trofeus. Foi galardoado com a Medalha de Mérito Desportivo.

Era dedicadíssimo ao movimento escotista. Pertenceu ao Grupo 2 e desempenhou por diversas vezes o cargo de secretário do Conselho Nacional da Fraternal.

No funeral, estiveram representadas quer a Direcção da AEP, quer a da Fraternal e incorporaram-se diversos antigos escoteiros.

À família enlutada, Sempre Pronto apresenta sentidas condolências.



GRÃ-BRETANHA

Numerosos escoteiros e os seus chefes participaram no concurso «Cultiva um girassol gigante», destinado a reunir fundos para uma obra de auxílio a pessoas sem abrigo. Os participantes tinham de encontrar amigos que se dispusessem a pagar uma certa importância por cada metro ou centímetro de altura. Um lobito, Simon Lambert, cultivou um girassol de 2 metros e 80, para o qual os seus patrocinadores pagaram 17 libras à instituição de caridade.

Em Gilwell Park, o «Dia Nacional de Medida de Girassóis» coincidiu com a 50.ª reunião anual de Gilwell. *Lady* Baden-Powell mediu girassóis que atingiam cerca de 2 metros e 60 de altura, donde resultou mais de £ 500 para a instituição.

QATAR

O príncipe de Qatar ofereceu à associação escotista um terreno de 16 000 m² para um parque de escotismo. Este campo está equipado com água e electricidade e o príncipe fornecerá ainda o equipamento de campista para 4000 escoteiros.

Prof. Délio Nobre Santos

Em 8 de Março corrente, faleceu o Prof. Délio Nobre Santos, antigo escoteiro e actual presidente do Conselho Nacional da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal.

Era irmão do nosso estimado companheiro e colaborador Eng.º José Maria Nobre Santos, a quem manifestamos o nosso pesar, bem como a toda a família em crepes.

No próximo número referir-nos-emos mais detidamente ao infausto acontecimento.

ESPANHA

Os escoteiros de Vigo levaram a efeito uma campanha na emissora de rádio para conseguir fundos para a compra de um *bloodmobile* (veículo equipado para recolher sangue). Os escoteiros conseguiram 67 510 pesetas, pelo que foram calorosamente felicitados.

TAILÂNDIA

Em colaboração com as equipas médicas dos hospitais, escoteiros-chefes benfeitores organizaram uma unidade escotista de serviço de ambulâncias para prestar os primeiros socorros aos doentes vítimas de acidentes em Banguecoque e o seu transporte em ambulância. As primeiras operações deste projecto tiveram o condão de suscitar uma reacção muito favorável do público. Está em execução o estudo de um projecto com o fim de estender esta actividade a todo o país.

EUA

Grandes painéis existentes nos acessos a North Olmstead, no Ohio, proclamam que esta localidade é uma «Cidade Escotista dos EUA», isto porque, numa população de 40 000 residentes, 1000 são escoteiros e 1400 raparigas-guias. De facto, 56 % dos rapazes em idade de escoteiro fazem escotismo e vão todos ao «Fim-de-Semana de Todos os Escoteiros», que se realiza anualmente no mês de Junho. O clube local Kiwanis lançou em 1951 esta celebração anual, que compreende um grande acampamento para escoteiros-guias, uma parada, demonstrações técnicas, e a «tomada do poder» por um dia.

PARAGUAI

Um acampamento florestal especial de 5 dias foi organizado por 24 escoteiros e animadores do grupo n.º 41 de Fernando de la Mora, sob o patrocínio do Serviço Nacional das Florestas. O grupo tinha por missão estudar as florestas, o solo e outros recursos naturais do país, assim como prestar certas provas de matéria de protecção. Durante o acampamento, que foi um êxito, os escoteiros colocaram cuidadosamente terra especial e sementes de duas espécies de pinheiros em 5000 pequenos recipientes de plástico para os poderem transplantar ulteriormente.

REINO UNIDO

Os efectivos da Scout Association no Reino Unido ultrapassaram os 600 000 membros pela primeira vez. Este aumento verificou-se graças às três secções — lobitos, escoteiros e *Venture Scouts* — atingindo um total de 608 610 rapazes e dirigentes. Além destes, há ainda vários membros nos ramos desta associação no estrangeiro.

O PAPA PAULO VI
faz o elogio dos princípios e métodos escotistas

No dia 17 de Novembro findo, Paulo VI concedeu uma audiência a um grupo dos principais dirigentes escotistas mundiais. Durante a cerimónia, Sua Santidade declarou:

— Estamos sinceramente reconhecidos pela vossa visita, porque ela nos permite exprimir de novo a nossa estima pelo vosso movimento que tão intensamente tem contribuído para a formação de gerações de jovens no mundo inteiro. O Escotismo não apenas oferece uma formação de chefes e de estímulo à iniciativa, mas inspira, além disso, a apreciação dos valores espirituais e dos ideais da verdadeira fraternidade e de abnegação no serviço, qualidades estas de que o mundo tem tão grande necessidade. Temos orado para que o movimento escotista em toda a parte seja um instrumento eficaz para ajudar a juventude dos nossos dias e de amanhã a servir a Deus e o seu país e a realizar inteiramente os seus objectivos e a dignidade dos seus altos ideais de ajudar o próximo em qualquer momento.

O presidente do Conselho Mundial do Escotismo, Irving J. Feist, disse em resposta:

— Servir a Deus era, é e será sempre um dos pilares do nosso movimento, que se encontra em constante expansão, facto que constitui prova real de que a juventude de hoje, em contraste com a resignação pessimista de certos adultos, procura uma educação completa que inclua o espiritual e o religioso.

Entre os presentes, contavam-se os antigos presidentes do Conselho Mundial E. Bower Carty, o embaixador António C. Delgado, Gustavo J. Vollmer e o secretário-geral Laszlo Nagy.

ESCOTISMO NO BRASIL

Em Julho: O III Ajuri Nacional

De 20 a 26 do próximo mês de Julho, os escoteiros brasileiros vão ter o seu acampamento nacional, ou, mais correctamente, o III Ajuri Nacional.

O grande acampamento realiza-se na Barra da Tijuca, na cidade do Rio de Janeiro.

Reina grande interesse por esta actividade, pelo que as várias direcções regionais da Nação irmã estão organizando o programa da sua participação.

Colaboração com a UNICEF

Os escoteiros do Rio Grande do Sul distribuíram 50 000 cartões de colecção de moedas a favor da UNICEF.

SEMPRE PRONTO

Administração

Os nossos Assinantes amigos continuam a remeter-nos o valor de suas assinaturas, prestando-nos um excelente serviço e evitando-nos a exorbitante despesa da cobrança postal. Depois da relação que publicamos noutra página, recebemos mais as seguintes importâncias, dos senhores:

António Calçada — Guia	60$00
Pedro Almeida Pinheiro — Loures	500$00
Dr. Leopoldo Figueiredo	100$00
Agrupamento do CNE — Trofa ...	60$00
Prof. Dr. João Faria Lapa	100$00
D. Maria Guida Melim — Funchal	100$00
Manuel Nascimento Duarte ...	60$00
Ernesto Rola	100$00
D. Dóris Teles Pereira	100$00
Armando Viçoso	100$00
M. Celestino Martins — Olhão ...	150$00
Daniel Soares dos Santos — Porto	100$00
Brupo 28 — AEP — Moura	60$00
Grupo 53 — AEP (Real) — Braga	60$00

A todos o nosso muito obrigado.

A ACM de Coimbra
Comemorou o Dia da Árvore

O Dia Mundial da Árvore foi comemorado em 21 de Março. A ACM de Coimbra participou nas celebrações, tendo recebido a melhor cooperação dos Serviços Florestais. Logo na manhã de domingo, dia 20, dezenas de jovens partiram para o Clube de Campo da Foz de Arouce, onde se realizou um alegre convívio com a presença de dirigentes associativos, entre os quais se contavam os srs. Graciano Marques, Carlos Alberto Dias e outros. A juventude das famílias alojadas naquele Clube de Campo participou na comemoração.

Foram plantadas diversas árvores, cedidas pelos Serviços Florestais, em diversos pontos do campo, destacando-se duas tílias, já desenvolvidas, que foram colocadas junto do restaurante.

A rapaziada, que pôs todo o seu entusiasmo nesta actividade, dedicou-se durante o resto do dia à prática de diversas modalidades desportivas, aproveitando as óptimas instalações daquele campo.

SEMPRE PRONTO

O presente número, embora simples, é de 12 páginas. Com esta edição, procuramos, dentro do possível, compensar os nossos assinantes pela não publicação do número de Dezembro p. p.



14 — **Problemas da Informação.** Ed. da Secretaria de Estado da Comunicação Social. Direcção Geral da Divulgação. Lisboa, 1976. 240 págs.

Em Maio do ano passado, realizou-se em Lisboa a I Semana de Jornalismo, organizada pela Secretaria de Estado da Informação, que teve o patrocínio do Conselho da Europa, da Embaixada da França e do Sindicato dos Jornalistas, colaborando ainda o Centro de Formação e de Aperfeiçoamento dos Jornalistas de Paris, sendo o volume acima indicado constituído pelas comunicações a esse Seminário apresentadas, na sua maioria por jornalistas e professores estrangeiros, entre os quais se destacam Jacques Sauvageot, director administrativo do conhecido diário parisiense «Le Monde», e os Profs. J. van Spingel, da Universidade de Gand, Maurice Hankard, da Universidade de Lovaina, e Luiz González Seara, da Universidade Complutense de Madrid.

Levar-me-ia muito longe e, portanto, teria de exceder em muito os estreitos limites desta secção, se eu pretendesse, não digo já comentar, mas ao menos apresentar uma síntese de todos os trabalhos que no Seminário foram lidos e se encontram reunidos neste volume.

Assim, direi apenas que todos eles focam aspectos diversos e relevantes do jornalismo, da missão e deontologia dos jornalistas, seus direitos e seus deveres, tudo apresentado com perfeito conhecimento de causa, e nem de outro modo se poderiam conceber estes trabalhos, da responsabilidade de nomes prestigiosos e alguns de reputação mundial no campo do jornalismo.

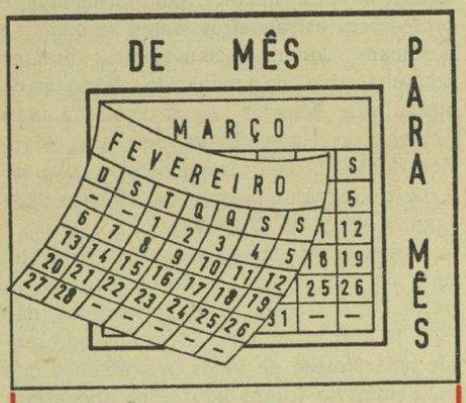
O volume abre com as palavras proferidas pelo sr. ten.-cor. Ferreira da Cunha, então Secretário de Estado da Informação, no acto da inauguração do Seminário, palavras que, a despeito de apresentadas como «notas soltas» são perfeitamente curiais e deveriam estar sempre presentes no espírito de quantos se dedicam às lides jornalísticas, mormente no momento que estamos a viver quando a uma longa época de jornalismo «condicionado» (passe o eufemismo), sucedeu outra de jornalismo «descabelado», que merece tanta repulsa do público sensato e reflexivo como aquele.

O Rato Sábio

ALGUNS DOS ASPECTOS DA ACTIVIDADE DA ACM

Sempre Pronto, *como já tivemos oportunidade de dizer aos nossos estimados leitores, encontra-se integrado no conjunto de realizações que se devem à Aliança Nacional das ACMs de Portugal.*

Porque de facto se trata de actividades de dimensão e qualidade incomuns na nossa terra, e porque se justifica plenamente o interesse que os nossos leitores possam ter por conhecer, mais de perto, o complexo de iniciativas sociais que constam do programa da ACM, aproveitamos o ensejo para, sobre elas, fornecer alguns dados de apreciação.



HUMILDADE



Diz-nos Baden-Powell que um dos antídotos contra a presunção do ateísmo é a humildade, acompanhada de reverência — coisa tão difícil de aprender como de ensinar.

Com este pensamento, o Fundador põe em confronto a humildade com a presunção e, se observarmos atentamente, podemos verificar que aqueles a quem escasseia a capacidade para realizar, para produzir obra válida, são os mais faladores, os caluniadores, os que querem passar por cima de tudo e de todos para teimosamente imporem os seus pontos de vista, inteiramente pessoais, conseguindo logo a adesão daqueles que só têm vaidade.

Presunção fica pois no pólo oposto da humildade. É fácil reconhecê-los. É só ouvi-los!

A acção humanitária da ACM

A Aliança Nacional das ACMs de Portugal tem vindo a desenvolver um largo programa humanitário, o qual atinge principalmente os seguintes aspectos:

A — *Apoio e desalojados e refugiados.*
- — Lares para crianças diferentes
- — Lares para rapazes
- — Lares para raparigas
- — Centros de emergência para famílias
- — Centros de reabilitação motora e psicopedagógica.

B — *Projectos de desenvolvimento*
- — Centros de formação profissional
- — Centros de exploração agro-pecuária.

C — *Centros de educação especial*
- — Centros para crianças dimiinuídas mentais
- — Centros para crianças diminuídas físicas.

D — *Centros de apoio à família*
- — Infantários
- — Serviços de *Baby-Sitter*.

O que são os campos da ACM

No cumprimento da linha programática que constitui a razão de ser da ACM — uma Organização ao serviço da Comunidade — e um dos seus projectos é a criação e instalação de Clubes de Campo.

Os *Clubes de Campo da ACM* têm como objectivo possibilitar férias ou períodos de repouso a todos os acemistas e seus familiares, conscientemente programados e integrados no espírito de um verdadeiro Turismo Social — como aliás é regra em todas as iniciativas da Organização.

A escolha dos locais para a instalação dos seus campos merece à ACM particular atenção, de forma a possibilitar a cada um a vantagem de poder escolher as férias no local de que mais goste: no campo, na praia, nas termas, na montanha.

Após a instalação dos campos, a ACM preocupa-se em criar neles um clima propício a uma melhor forma de convívio e relacionamento humanos, promovendo e fomentando programas de actividades sociais, recreativas, culturais e desportivas, tendo em atenção as necessidades e interesses dos associados e visando sempre o estabelecimento da integração da família e o inter-relacionamento das gerações.

Esta é a concepção de férias da ACM, fundamentada na experiência, já secular, que a YMCA tem dos desejos e anseios dos Homens de todo o Mundo.

Os Clubes de Campo da ACM são, ainda, um meio de se participar nas múltiplas actividades da Organização, integrando-se na grande família acemista e servindo também a Comunidade.

OS ESCOTEIROS comemoraram o Dia Mundial da Árvore

Segundo uma local do *Expresso*, conclui-se que a Junta Regional de Lisboa do CNE comemorou este ano o Dia Mundial da Árvore que passou em 21 do corrente mês.

Foi pedida a colaboração dos Serviços Técnicos da Câmara Municipal de Lisboa, a fim de indicarem os locais onde pôde ser feita a simbólica plantação de árvores.

SEMPRE PRONTO — Propriedade da Aliança Nacional das ACMs de Portugal

(CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA)

Director e Editor — **Eduardo Ribeiro**
Director Adjunto — **Joel Ribeiro**
Administrador — **José Eduardo Pena Ribeiro**

SECRETÁRIO DA REDACÇÃO:
A. C. Lapa Conde

EQUIPA DE ADMINISTRAÇÃO:
Capitolino Ferreira Macedo
Ernesto Clímaco do Nascimento
Luís Garcia

Número avulso: 7$50 — Assinatura anual: 60$00